

Otto Lara Resende: um mineiro do litoral: com a cabeça nas montanhas e os pés na areia

Luciene Tófoli*

Nícea Helena de Almeida Nogueira**

RESUMO: Como é possível ser um mineiro legítimo do litoral do Rio de Janeiro? Como é possível deambular entre a mineiridade e a carioquice sem que isso signifique uma síntese ou a perda das características identitárias de cada uma? A resposta parece estar na escrita de Otto Lara Resende. Através das crônicas “Outra fachada” e “O jovem poeta setentão”, o escritor aponta para uma questão premente nos Estudos Culturais: o entre-lugar. A partir da perspectiva de Homi Bhabha e das formulações sobre a identidade, em Stuart Hall, é possível se vislumbrar a constituição de um ser híbrido e plural que se constitui na diversidade das culturas.

Palavras-chave: Otto Lara Resende; crônica; identidade; entre-lugar; cultura.

A primeira metade do século XX foi, sem dúvida, uma época de errância. Fugindo dos horrores das duas grandes guerras, homens, mulheres e crianças buscavam novas fronteiras, o que significou para muitos o encontro com o “outro”, o estrangeiro, o diferente. Muitas vezes, uma odisséia sem retorno. Uma jornada rumo a novas culturas, uma clivagem inscrita para sempre na memória.

No Brasil, na mesma época, embora longe do nazismo e de tudo que o regime engendrou, a situação também era tensa, principalmente por causa da Ditadura Vargas (1930-1945). Foi também uma experiência de modernização e urbanização, em que o Brasil assistia a uma mudança, ainda lenta, da economia agrária para a industrial, produzindo um fluxo migratório do campo para os grandes centros urbanos, especialmente os do Sudeste.

Foi nesse cenário que o sanjoanense Otto Lara Resende desceu a montanha para se tornar um mineiro do litoral. Rumo ao Rio de Janeiro, destino predileto da intelectualidade que, àquela época, ainda podia usufruir das benesses de uma cidade que era, ao mesmo tempo, a capital política e de poder do país. Chegou em terras cariocas em 1945.

O sanjoanense chegou em terras cariocas em 1945, quando a capital da República ainda vivia as consequências das mudanças implementadas no início do século. O projeto republicano era transformar o Rio de Janeiro numa cidade moderna, com o ordenamento do espaço urbano, onde os pobres foram deslocados para as regiões mais distantes, carentes e precárias. A essa população foram reservados os subúrbios e os morros. Para a tarefa, o presidente Rodrigues Alves nomeou, como prefeito, Pereira Passos, numa época que ficou conhecida como ditadura do “bota-abaixo”.

A intenção do então prefeito, inspirado nas obras feitas em Paris por Georges Haussmann, para transformar a capital francesa em metrópole a ser imitada em todo o mundo, era, segundo Velloso (2004, p.43-49), redesenhar a cartografia urbana do Rio de Janeiro, onde cada grupo étnico e cultural teria seu lugar, com padrões de conduta específicos, deixando clara uma demarcação entre o que significava atraso e progresso.

O resultado desse processo, conforme acentua Abreu (1987, p.94) é que, já na década de 30, a capital da República estava bem delimitada: as classes altas ocupavam a “nova” zona sul (Copacabana, Ipanema, etc.), as classes médias, a antiga zona sul (Botafogo, Flamengo, Catete, Laranjeiras, etc.) e zona norte, e os pobres estavam no subúrbio.

Otto Lara Resende parece ter se adaptado rapidamente a essa realidade. Logo fundou a confraria “Os quatro Cavaleiros de um Íntimo Apocalipse”, da qual faziam parte os amigos e também mineiros Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Hélio Pellegrino. Advogado, o quarto, dos vinte filhos do casal Antônio de Lara Resende e Maria Julieta de Oliveira, legítimos representantes da Tradicional Família Mineira, Otto era também jornalista.

Um jornalista que não se conformou às fronteiras de Minas e muito menos dos mineiros. Ao contrário, ao longo da carreira e da vida no Rio de Janeiro, fez muitos outros amigos. Um deles merece destaque: Nelson Rodrigues que dizia que “a grande obra de Otto Lara Resende é a conversa. Deviam pôr um taquígrafo atrás dele e vender suas anotações em uma loja de frases”. Trabalharam juntos em **O Globo**. Embora tivessem se tornado amigos, eram água e vinho, pessoas completamente diferentes, tanto na vida afetiva quanto profissional.

Nelson adorava pôr amigos (e inimigos também) como personagens em suas peças, crônicas e romances. Aproveitava a oportunidade que seus livros lhe davam para pôr casualmente na boca de personagens, inventados ou não, o que gostaria de dizer por própria conta. Otto tornou-se um dos personagens da predileção do dramaturgo. Citado em “Asfalto selvagem” (que tem como subtítulo “Engraçadinha, seus amores e seus pecados”) e em crônicas, culminou por ser “homenageado” e ter uma peça com seu nome: “Bonitinha mas ordinária ou Otto Lara Resende”. O biografado, para sua surpresa e desgosto, figurou escandalosamente em cartazes e no letreiro do Teatro Maison de France, no Rio de Janeiro, em 1962, quando a peça estreou e ficou em cartaz por cinco meses. O nome do escritor é citado 47 vezes pelos atores. O homenageado detestou a brincadeira. Em represália, não foi assistir ao espetáculo. Com o tempo, o caso foi esquecido e os dois continuaram bons amigos até o fim (NOGUEIRA JÚNIOR, s/d, s/p).

Durante os anos em que esteve fora de Minas, Otto Lara Resende morou e trabalhou em diversos órgãos de imprensa carioca com projeção nacional, entre eles, a Revista Manchete, TV Globo, Jornal do Brasil, O Globo e Folha de São Paulo. Esteve também na Bélgica e em Portugal. Mas a sua experiência cosmopolita, de além-fronteiras, viveu-a, a maior parte, no Rio de Janeiro, onde morreu e foi eternizado por meio de suas crônicas e de uma praça com seu nome no Jardim Botânico.

Contudo, o abandonar das montanhas para sua nova vida em outros territórios não significou para Otto Lara Resende a destruição de sua experiência mineira. Ao contrário, através de sua obra, o cronista parece estabelecer uma identidade revestida de uma espacialidade imaterial. Otto não é tão somente mineiro ou carioca, mas um universal, embora sua escrita ainda deixe entrever a força das raízes das Minas Gerais.

Com a cabeça nas montanhas e com os pés no mar, ou vice-versa, esse “aqui” e “lá” é vivenciado através de sua escrita, num movimento pendular, que oscila entre o passado e o presente sem estabelecer um movimento binário ou de opostos, num sotaque que congrega o local e o global, de onde emergem enunciados que constroem e desconstroem formações identitárias, visões de mundo. Na análise de Bhabha (1998, p.20), um processo de constituição de identidade própria do mundo moderno.

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas e subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de

estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.

Na crônica “Outra fachada”, publicada do livro **Bom dia para nascer**, Otto deixa entrever esse novo sujeito que se inaugura:

Foi na passagem do ano, em Angra dos Reis. Mais uma vez eu me encontrava num momento de transição. O fim do ano traz, inconsciente, esse desejo de mudar. Só me dei conta disso há pouco tempo, vendo a minha carteira profissional. Várias demissões no mês de dezembro. Época do Advento, Natal à vista, uma força nos impele e a gente admite que é possível recomeçar. O que passou e o que virá.

Essa pretensão de me reinaugurar. Pulsa nela uma expectativa que se abre, quase eufórica. Um alvoroço de asas. Deixar para trás o arquivo morto, fechar a porta, selada como um túmulo. É preciso morrer para renascer. Os opostos se misturam, mas se impõe no horizonte uma promessa de aurora. Pouco importa que não seja clara. Tanto melhor. Há na penumbra, nesse claro-escuro, uma nota propícia. Esse respiro que se acelera e exalta (1993, p.55)

Diante de um espaço de fronteira, ao mesmo tempo institucional, social e imaginário, o fim do ano, Otto se revisita de várias formas (“O fim do ano traz, inconsciente, esse desejo de mudar.”). Seja inconscientemente, como ele próprio admite, seja através de seus registros profissionais, portanto materiais e conscientes, o cronista vê claramente seu deslocamento, portador de um discurso polifônico, onde “os opostos se misturam”, num espaço intersticial habitado por um “claro-escuro”, “uma promessa de aurora”, num momento de transição (“Essa pretensão de me reinaugurar. Pulsa nela uma expectativa que se abre, quase eufórica.”).

Numa análise sobre a identidade cultural na pós-modernidade, Stuart Hall (2005) conclui que o sujeito, previamente apresentado com identidade única e estável, está se tornando fragmentado, composto não por uma, mas por várias identidades que, muitas vezes, chegam a ser até contraditórias ou não resolvidas, a “penumbra” a qual se refere Otto.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (veja Hall, 1990). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente (HALL, 2005, p.12-13).

Mas, é fato que a evidência desse “outro” que renasce em Otto, não exclui o reconhecimento de uma identidade autorreferenciada. O escritor ocupa a forma de sujeito

originário ao mesmo tempo em que é capaz de se colocar como o forasteiro, sem que, ambos os lugares, como já disse antes, representem um binarismo sectário, uma oposição drástica e incontornável. Ao contrário, há um dialogismo supraterritorial. É o que Bhabha detecta como sendo os sujeitos que se formam nos entre-lugares, naquilo que excede à soma das partes da diferença.

Numa análise da obra da artista afro-americana Renée Green, que compôs através da arquitetura, espaços que se comunicam fisicamente, Homi Bhabha descreve essa tensão permanente na formação das identidades.

O poço da escada como espaço liminar, situado no meio das designações de identidade, transforma-se no processo de interação simbólica, o tecido de ligação que constrói a diferença entre superior e inferior, negro e branco. O ir e vir do poço da escada, o movimento temporal e a passagem que ele propicia, evita que as identidades a cada extremidade dele se estabeleçam em polaridades primordiais. Essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta (BHABHA, 1998, p.22).

Há, ainda, nessa construção identitária de Otto, localizada no interstício, não só a questão geopolítica, mas a questão da temporalidade. Passado, presente e futuro se revezam na composição desse novo sujeito, marcando, cada um a seu tempo, fases de inauguração ou reinauguração, como se vê no terceiro parágrafo da crônica já citada.

Poxa, quanta filigrana para chegar aonde eu quero. Visto pelo lado de fora, é só isto: deixei a barba crescer. Mudei a fachada. A gente na vida deve ter uma cara só. Se é raspada, vá raspada até o fim. Barba, pera, cavanhaque, costeletas. Os vários bigodes, cheio, fino, de pontas. Passa-piolho, ou em leque. Feita a escolha, que esteja feita. Adolescente, preservei intocado o recente buço. No afã de ser adulto, virou bigode sem conhecer navalha (RESENDE, 1993, p.55)

Ainda sob o impacto de uma concepção identitária forjada pelo iluminismo, própria, aliás, da tradição, traço característico da mineiridade, Otto, em princípio se apegava à ideia de uma identidade una, sólida, que não admite mudança: “A gente na vida deve ter uma cara só. [...] Feita a escolha que esteja feita”. Hall (2005, p.10-11) assim descreve esse sujeito:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — contínuo ou "idêntico" a ele — ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.

Pelo que deixa entrever a escrita de Otto, uma identidade que se preservou até bastante tempo (“Adolescente, preservei intocado o recente buço. No afã de ser adulto, virou bigode sem conhecer navalha.”), mas que estaria prestes a mudar com o deslocamento que sofrera. Ao descer a serra e vislumbrar outras paisagens, ao trocar o mar de montanhas pelo horizonte do mar, o escritor constata que algo mudou:

Até que um dia deitei-o abaixo aqui no Rio, no barbeiro da Associação Cristã de Moços. Estava feita a minha opção. Vou de cara limpa, escanhoadada. Aí estou um dia em Angra, fim de ano, começo de ano, e não fiz a barba. Eu mais que vivido.

IPOTESI, JUIZ DE FORA, v.22, n.2, p.109-117, jul./dez. 2018

Revivido. Três, quatro dias e, mais depressa do que esperava, a barba compareceu. Hirsuta, como intratável se pretendia o remoto bigode adolescente. Com o tempo, eu saía de manhã pra andar com o Hélio Pellegrino, de repente ele estacava.

E me olhava, estupefato. Começava a rir. Eu não era eu. Aquele barbaças, ainda por cima a barba branca, se metia entre nós. O Hélio me fitava e em vão me procurava. E ria. Curioso é que a princípio me deu a maior força. Barba de protesto, dizia ele. De desgosto, dizia eu. Desgosto de quê? Já não sei, nunca soube. Talvez estivesse cansado de mim. Aí chegou julho. Aniversário da minha mãe e da minha filha Helena. Que presente me pediram? Raspar a barba! Raspei — e isso é outra história (RESENDE, 1993, p.55).

Esses dois últimos parágrafos convocam o que Hall (2009) chama de hibridismo, o que não quer dizer a constituição de indivíduos híbridos, prontos, plenos, mas aqueles que nunca se completam, que permanecem na sua indecibilidade. O hibridismo significa negociação com o outro, revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores.

Em condições diaspóricas, as pessoas geralmente são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas. [...] Todos negociam culturalmente em algum ponto do espectro da *différance*, onde as disjunções de tempo, geração, espacialização e disseminação se recusam a ser nitidamente alinhadas (Hall, 2009, p.72-73).

Assim como Hélio Pellegrino, um mineiro como Otto, não reconhecia o amigo (“O Hélio me fitava e em vão me procurava. E ria.”), ele próprio não se encontrava (“Eu não era eu.”). Mais do que isso, a metáfora que recobre a mudança de identidade do cronista mineiro, (“E me olhava, estupefato. Começava a rir. Eu não era eu. Aquele barbaças, ainda por cima a barba branca, se metia entre nós”) mostra o estranhamento do outro em relação ao novo, como se fosse um impedimento. Até mesmo na família, Otto é obrigado a negociar: “Aí chegou julho. Aniversário da minha mãe e da minha filha Helena. Que presente me pediram? Raspar a barba! Raspei — e isso é outra história.”

Nessa confluência cultural, nesse hibridismo, nesse deslocamento diaspórico, Otto Lara Resende parece traçar um movimento pendular não apenas no que diz respeito à questão geográfica e cultural, mas também histórico-temporal. Num movimento que oscila entre o passado e o presente, dispõe dos elementos imediatos da cultura carioca, assim como lança mão das imagens mineiras que lhe recobrem a memória. Dessa forma, é capaz de trafegar por diferentes mundos que se suplementam, que não estão contidos mais em fronteiras fixas. Otto não se sabe mais mineiro ou carioca, assim como aqueles que lhe são próximos. Ele se constitui e é constituído através dos interstícios de uma cultura e outra.

Na crônica “O Jovem poeta setentão”, que também integra o livro **Bom dia para nascer**, isso parece ficar ainda mais nítido, numa espécie de autoconstatação. No primeiro parágrafo, Otto Lara Resende e um outro, ao qual ele se dirige e que só será reconhecido ao final do texto, parecem se encontrar num deslizamento rumo a novas posições de sujeito e, conseqüentemente, novas identidades. Há uma preservação do que é familiar sem escapar do novo que se apresenta.

Até onde me lembro, o Carnaval não o empolgava. Em São João del Rei, onde estudou, e depois em Belo Horizonte, não guardo reminiscência carnavalesca do nosso convívio. Nos primeiros tempos do Rio, a gente corria para Minas, serra acima, toda vez que se podia escapar da rotina. Data dessa época o diário em que registrou sua experiência de jovem mineiro em trânsito para virar carioca. Não deixou de ser mineiro. Minas, sua pequena pátria (RESENDE, 1993, p.108).

Mais uma vez, no seu discurso híbrido, Otto Lara Resende é obrigado a se deslocar ao passado (“Nos primeiros tempos do Rio, a gente corria para Minas, serra acima, toda vez que se podia escapar da rotina.”), onde guarda as reminiscências de suas origens, já não tão claras, esmaecidas com o passar do tempo (“Até onde me lembro, o Carnaval não o empolgava”). E, mesmo admitindo, o deslizamento do aspecto identitário (“Data dessa época o diário em que registrou sua experiência de jovem mineiro em trânsito para virar carioca.”), reafirma, com veemência, a marca de sua identidade original, onde o estado de Minas é colocado além de sua territorialidade, é quase um estado de espírito, de alma (“Minas, sua pequena pátria.”).

Essa jornada subjetiva, embora inscrita também na desterritorialidade, que imprime uma tensão entre um “lá” e um “aqui”, sem que ambos se oponham, mas se componham num processo constante que não chega a uma síntese, parece ser o ponto de partida das identidades pós-modernas, fragmentadas e polifônicas.

Dessa forma, o indivíduo desterritorializado é depositário de identidades as mais variadas. Na visão de Bhabha (1998, p.33), um sujeito responsável pelo surgimento de um novo tipo de escrita que esgarça a fixidez das fronteiras e lança luzes em outras searas, fazendo que com “histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos – essas condições de fronteira e divisas – possam ser o terreno da literatura mundial, em lugar da transmissão de tradições nacionais, antes o tema central da literatura mundial.”

No parágrafo seguinte da crônica de Otto Lara Resende, a personagem, até agora só identificada por ser mineiro e ter migrado para o Rio de Janeiro, já se comporta como um novo sujeito.

Mas entendeu o Rio como perfeito carioca. O tal diário era escrito em forma de carta que me destinava. Fez aí o seu aprendizado para a prosa de jornal que viria depois a assumir. Alternativa profissional, a que lhe restava. Terá sido escolha, opção? Eu entendia que era melhor mergulhar na redação e preservar, íntegra, a paixão literária. Mas a poesia perturbava o seu entendimento com o jornal. Era fundamentalmente poeta (RESENDE, 1993, p.108).

Aqui, o conflito identitário ultrapassa a marca da territorialidade para atingir o simbólico. Apesar de ser “fundamentalmente poeta”, a pessoa a quem Otto se refere tem que fazer uma nova travessia e se arriscar na prosa (“Terá sido escolha, opção?”), postando-se naquilo que Bhabha chama de entre-lugar, uma região fronteira que acaba por induzir o sujeito a uma dupla inscrição: “Logo se viu que, cronista, e dos melhores, não deixou de ser poeta. Continuou a escrever poesia. Foi fiel à sua vocação. Também na crônica está visível o seu corte lírico, inquieto, metafísico.” (RESENDE, 1993, p.108).

É possível se verificar, ainda, com clareza, em outro trecho da crônica, a deambulação identitária que perpassa o sujeito pós-moderno. Inscrito num interstício espaço-temporal, vive num momento intervalar. Ao mesmo tempo em que reconhece o futuro em perspectiva, tem a necessidade de buscar no passado as significações que ancoram o presente.

Por isto sonhou com profissões impossíveis. Por que não aviador? Lá fomos nós estudar inglês na avenida Brasil, ali pertinho da praça da Liberdade, para o concurso que nos levaria a ser pilotos. Quem sabe pilotos de guerra. Idéia mais doida, mas que achei viável. O futuro estava aberto à nossa frente. E comportava todas as hipóteses. Todos os sonhos. Ele se divertia contando que, aos quinze

anos, me revelou a existência do uísque. Ainda agora me pergunto se vi mesmo aquela garrafa de White Horse. Sim, claro que vi. (RESENDE, 1993, p.108).

Aqui, mais do que isso, é preciso recorrer a Hall (2009) para se perceber a relação que se faz entre local e global. Ao mesmo tempo em que Otto recupera a identidade originária inscrita na memória (“Ele se divertia contando que, aos quinze anos, me revelou a existência do uísque. Ainda agora me pergunto se vi mesmo aquela garrafa de White Horse. Sim, claro que vi.”), é possível perceber o “outro” que aponta para o universal, para aquele que atravessa as fronteiras (“Por isto sonhou com profissões impossíveis. Por que não aviador? Lá fomos nós estudar inglês na avenida Brasil, ali pertinho da praça da Liberdade, para o concurso que nos levaria a ser pilotos.”). Ao se pensar nessa relação global-local, glocal, Hall chama atenção para o fato de que é importante ver a globalização como “um sistema de *con-formação da diferença*, em vez de um sinônimo conveniente de obliteração da diferença” (HALL, 2009, p. 57. Grifo do autor).

Fazer parte desse global implica olhar para a aldeia, mas o surgimento de um sujeito internacionalizado só é possível pela produção de uma rede de significação comum a partir do reconhecimento da diferença cultural:

O que deve ser mapeado como um novo espaço internacional de realidades históricas descontínuas, é, na verdade, o problema de significar as passagens intersticiais e os processos de diferença cultural que estão inscritos no “entre-lugar”, na dissolução temporal que tece o tempo “global”. É, ironicamente, o momento, ou mesmo o movimento, desintegrador da enunciação – aquela disjunção repentina do presente – que torna possível a expressão do alcance global da cultura. E, paradoxalmente, é apenas através de uma estrutura de cisão e deslocamento – “o descentramento fragmentado e esquizofrênico do eu” – que a arquitetura do novo sujeito histórico emerge nos próprios limites da representação, para “permitir uma representação situacional por parte do indivíduo daquela totalidade mais vasta e *irrepresentável*, que é o conjunto das estruturas da sociedade como um todo (BHABHA, 1998, p.298).

No último parágrafo da crônica, Otto, além de revelar a personagem de quem fala e, mais do que isso, com quem comunga sua diáspora, evidencia como ele e o também mineiro e amigo Paulo Mendes Campos, forjados no entre-lugar, recobram os traços de várias identidades que compõem esse novo sujeito:

Sua simplicidade, lição para toda a vida. Líamos os poetas para encontrar a nossa própria definição. De dia e de noite, a conversa interminável. A gente ia puxar angústia, que ele definiu assim: descer ao fundo do posso escuro, onde se acham as máscaras abomináveis da solidão, do amor e da morte. Pois é, Paulo Mendes Campos. Num dia assim, em pleno domingo de carnaval é que você nasceu. Hoje, quem pode crer? Você estaria chegando aos setenta anos (RESENDE, 1993, p.108).

A procura pela identidade (“Líamos os poetas para encontrar a nossa própria definição”.) une os desterrados, reforça a angústia da busca desse novo sujeito (“De dia e de noite, a conversa interminável”), que enfrenta os sentimentos de “solidão”, “amor” e “morte” de maneira solidária a partir do outro com quem se identifica.

Conclusão:

É possível perceber, por meio das crônicas “Outra fachada” e “O jovem poeta setentão”, do sanjoanense Otto Lara Resende, um mineiro que se instalou no horizonte do

litoral carioca, que o sujeito, conforme discutido por Bhabha (1998), é capaz de vivenciar e acumular experiências que engendram suas identidades plurais, formando um ser híbrido.

Num movimento pendular “aqui” e “lá”, no passado e no presente, atravessado todo o tempo pelas especificidades dessas regiões fronteiriças, torna-se um indivíduo capaz de guardar características próprias de cada espaço sem, entretanto, tornar-se uma síntese desse “aqui” e “lá”. Um sujeito em constante travessia, sem binarismos opostos. “Ambivalente e vacilante”, para usar os termos de Bhabha (1998), Otto Lara Resende é um novo sujeito, fazendo-se, permanentemente, a cada instante.

ABSTRACT: How is it possible to be a legitimate mineiro from the seashore of Rio de Janeiro? How is it possible to stroll between being a mineiro or being a carioca without meaning a synthesis or loss of identity characteristics of each other? The answer seems to be in the literary work of Otto Lara Resende. In the chronicles “Outra fachada” (Other facade) and “O jovem poeta setentão” (The young 70-year-old poet), the writer highlights an important issue in Cultural Studies: between-place. From Homi Bhabha’s perspective and Stuart Hall’s concept of identity, it is possible to envisage the constitution of a hybrid and plural being who is created in cultural diversity.

Keywords: Otto Lara Resende; Chronicle; Identity; Between-place; Culture.

REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998

HALL, S **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009

NOGUEIRA JÚNIOR, Arnaldo. **Projeto releituras: Otto Lara Resende**. Disponível em http://www.releituras.com/olresende_bio.asp. Acessado em 12 de dezembro de 2012.

RESENDE, Otto Lara. **Bom dia para nascer**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **A Cultura nas ruas do Rio de Janeiro (1900-1930): mediações, linguagens e espaço**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.

* Luciene Tófoli é doutora em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2016), onde defendeu a tese “Da Mancha gráfica para a história: as impressões do Rio de Janeiro nas crônicas de Nelson Rodrigues”. É Mestre em Psicologia (2006) e em Letras (2008), pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Autora do livro *Ética no Jornalismo* (Vozes, 2008). Coordenadora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo (UFSJ), é também pesquisadora nas áreas de Literatura e Jornalismo. Atua, ainda, como professora do curso de pós-graduação em Mídias na Educação (UFSJ). Foi editora-chefe de telejornais na Rede Globo e repórter da Revista Istoé.

** Doutora e Mestre em Letras: Teoria da Literatura, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de São José do Rio Preto, SP. Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Maringá, PR (UEM). Atuou como Diretora do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) da UFJF e como Coordenadora Geral do Programa Idiomas Sem Fronteiras da UFJF. Foi Professora Titular e Coordenadora do Programa de Mestrado em Letras: Literatura Brasileira, do Centro de Ensino Superior de

Juiz de Fora (CES/JF) e Diretora do Centro de Pesquisa na mesma Instituição. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, Literaturas em Língua Inglesa, Tradução e Literatura Brasileira.